



Uma  
**TEMPESTADE**  
de  
**VERÃO**

K. L. WALTHER

Rocce  
DIGITAL

K. L. WALTHER

Uma  
**TEMPESTADE**  
de  
**VERÃO**

Tradução de Sofia Soter

Rocco  
DIGITAL

*Eternamente, para meu pai. Obrigada pelos passeios de carro ao som de Dave Matthews, pelas tigelas de caldo de peixe, e por nos apresentar ao lugar mais extraordinário do planeta.*

*E para Trip, pelos passeios de trator no crepúsculo, pelos tombos de boia, pelos bifés no jantar às nove da noite, e por ser o melhor amigo dele.*

# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

A família Fox

Domingo

**Um**

**Dois**

**Três**

Segunda-feira

**Quatro**

**Cinco**

**Seis**

**Sete**

Terça-feira

**Oito**

**Nove**

**Dez**

Quarta-feira

**Onze**

**Doze**

**Treze**

Quinta-feira

**Catorze**

**Quinze**

**Dezesseis**

Sexta-feira

**Dezessete**

**Dezoito**

**Dezenove**

Sábado

**Vinte**

**Vinte e um**

**Vinte e dois**

Domingo

**Vinte e três**

Um ano depois

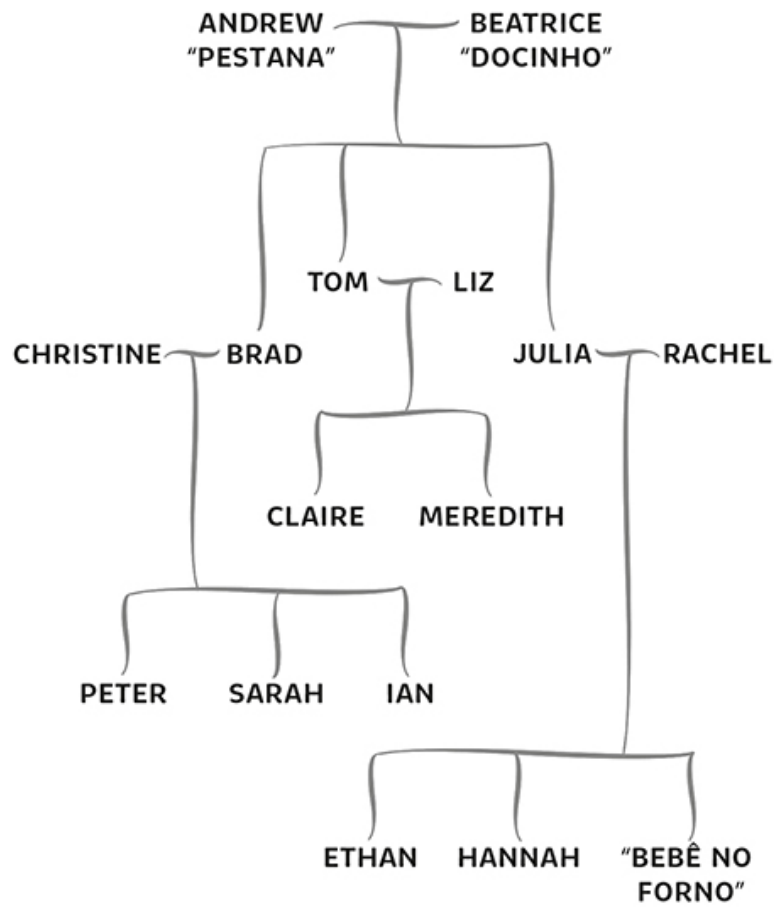
**Epílogo**

Agradecimentos

Créditos

A Autora

# A FAMÍLIA FOX



**DOMINGO**

# UM

Ninguém pediu a batata frita. Três tigelas de caldo de mariscos, mas nenhuma cestinha da batata frita mais viciante de Cape Cod.

— Mais alguma coisa? — perguntou o garçom, como se soubesse que faltava alguma coisa.

Talvez soubesse mesmo. Talvez tivesse nos reconhecido — afinal, era tradição de família almoçar no Quicks Hole antes de pegar a balsa, para comemorar a última etapa da viagem. Em uma hora finalmente chegaríamos a Martha's Vineyard.

Notei que meus pais se entreolharam. *Mais alguma coisa?* Depois de tantas férias de verão, tudo era automático. Não precisávamos de cardápios — os pedidos estavam bem entranhados na memória, e nenhum deles incluía batata frita para a mesa.

Porque era Claire quem sempre pedia por nós. *Na maior cesta que tiver, diria. Estamos famintos!*

Percebi que era minha responsabilidade assumir aquela tarefa.

— Na verdade, queremos, sim — falei, engolindo o nó na garganta. — Uma porção de batata frita, por favor. Trufada.

— Ótima escolha — disse o atendente, antes de seguir para a cozinha.

Meus pais e eu ficamos em silêncio, sentados à mesa alta, tentando não olhar a quarta cadeira, vazia. De propósito ou não, minha mãe tinha pendurado a bolsa ali, dando a impressão de estar menos vazia. Como se a pessoa que ocuparia a cadeira tivesse apenas ido ao banheiro, e logo voltaria.

Quicks Hole Tavern tinha um nome adequado. A comida era, como indicava o *quick*, rápida, e levou só quinze minutos para chegar: três tigelas

fumegantes da sopa mágica de mariscos, e uma cesta aparentemente infinita de batata frita salpicada de parmesão e salsinha. Meu pai ergueu a cerveja enquanto eu jogava as cinco gotas de molho de pimenta que sempre coloco na minha sopa.

— Um brinde a Sarah e Michael — disse. — Que esta semana seja memorável.

— A Sarah e Michael — eu e minha mãe ecoamos, erguendo os copos. Brindamos.

— E a estarmos finalmente de volta — acrescentou ele, dando um beijo na bochecha da mamãe. — Já demoramos muito.

Dois anos, precisamente. Minha família passava as férias no Vineyard desde antes do meu nascimento — havia mais de dezoito anos —, mas no ano anterior tínhamos ficado entocados em casa, no interior de Nova York. Olhei de relance para a cadeira vazia outra vez.

*Pois é, pensei. Já demoramos muito.*

Em seguida, mexi a sopa com a colher, vendo o molho vermelho girar até desaparecer, e me perguntei se alguma coisa teria mudado naquele tempo.



Uma coisa que definitivamente não mudara era Steamship Authority, o porto das balsas em Falmouth. Sob o sol alto no céu azul de julho, as pessoas pareciam estar na fila do maior show do século. Carros, carros, e ainda *mais* carros validavam os tíquetes e estacionavam nas fileiras numeradas, à espera das balsas. Prendi meu cabelo loiro-mel em uma trança frouxa, abrindo caminho entre os carros com meus pais. Havia uma variedade colorida de jipes, a maioria de teto aberto, alguns inclusive sem portas, com música pulsando no rádio. Havia também os Volvos com caiaques amarrados, e os Range Rovers prateados e chiques. Os suportes para bicicleta deixavam os SUVs ainda mais imensos. Escutei uma criança de colo dar piti.

— Não, Jeffrey, não dá para comer mais batata frita! — respondeu a mãe, exasperada.

A fila de pedestres era uma mistura de universitários, famílias, cães, bicicletas, malas de rodinha, e casais mais velhos e experientes que apenas absorviam o caos.

Loki estava arfando muito, de cabeça para fora da janela, quando voltamos à nossa caminhonete Ford Raptor.

— Quer dar uma água para ele, Meredith? — perguntou minha mãe depois de nos instalarmos.

Sem responder, peguei minha garrafa d'água e apertei, para nosso Jack Russell Terrier beber. Ele tomou a água que nem uma pessoa, um truque ensinado por Claire quando ele ainda era filhote.

— Vai ser útil — dissera ela na época. — Não vamos precisar levar uma tigela para servir água quando formos passear.

Não demorou para abrirem o acesso da gigantesca balsa das duas da tarde, *The Island Home*.

— Esperem, abram o teto solar! — exclamei, enquanto a funcionária acenava para nosso carro passar pela entrada e meu pai desacelerava.

Meu peito estava a mil. Era outra das minhas tradições com Claire, e que eu queria manter viva: sair pelo teto solar e gritar, como se estivéssemos passeando de limusine. Na maior parte do tempo, outras pessoas gritavam com a gente, especialmente os caras de jipe.

— Que gostosa! — alguns tinham gritado na última viagem, quando Claire tinha dezessete anos e eu, dezesseis.

— Pena que ela é comprometida! — minha irmã retrucara, supondo que estavam falando de mim, e não dela.

Ela vivia se diminuindo sutilmente, e eu nunca entendia o porquê. Claire era linda, alta e atlética, com cachos castanho-avermelhados, além da coleção incrível de óculos. Como não podia usar lentes de contato, ela fora acumulando uma variedade eclética de armações, do retrô ao moderno. Naquele dia, estava usando os óculos quadrados, de armação transparente.

A única coisa que tínhamos em comum, sendo irmãs, eram nossos olhos verdes, já que meu cabelo era claro e as sobrancelhas escuras (“impressionantes”, de acordo com a maioria das pessoas), e eu tinha uns bons treze centímetros a menos que Claire. Ela me chamava de “Macaquinha” desde que me vira escalar as prateleiras da despensa quando éramos menores.

Subindo a rampa da balsa, não gritei (mas os caras dos jipes gritaram mesmo assim). Em vez disso, fechei os olhos e respirei fundo. Eu amava o cheiro da maresia. Tinha sentido *saudade*. Era tudo para mim. Minha família brincava que a gente deveria dar um jeito de guardar o cheiro de maresia em um frasco, para nos dar esperança nos invernos gelados de Nova York.

Meus pais soltaram o cinto de segurança quando papai deixou o carro no ponto morto. Loki latiu e pulou pelo meio dos bancos até o colo da minha mãe. Ela riu e prendeu a guia na coleira verde.

— Bom, é o sinal — falou. — Vamos subir.

Ela estava se referindo ao convés superior da balsa. Era claro que podíamos ficar no carro, e havia também vários bancos na parte interna da balsa. Porém, assim como a maresia, nada se comparava ao vento fustigando o cabelo enquanto a ilha surgia no horizonte.

— Boa ideia...

Parei de falar quando algo chamou a minha atenção. Meu celular, de repente piscando e vibrando, irritante, no porta-copos do banco de trás. O nome na tela era igualmente irritante: Ben Fletcher.

Senti um frio na barriga. Ben tinha mandado mensagem.

— Hum, podem ir na frente — me ouvi dizer, enquanto lia o nome, que ficou embaçado entre as lágrimas. — Um minuto e já vou.

Só li a mensagem de Ben depois do meu pai me dar as chaves e subir a escada com mamãe e Loki. Foi então que abri o celular e li:

Como vai a estrada?

Só isso. Sem oi, sem desculpas, sem arrependimento.

Não que eu quisesse isso, mas...

Como vai a estrada?

Sério? Só isso?

*Não responde*, disse a voz na minha cabeça, mas eu ignorei e digitei:

Já saímos da estrada. Estamos na balsa.

Ele respondeu:

Ah, saquei. Quanto tempo demora?

— Uma hora — murmurei, baixinho.

Eu já tinha mencionado aquilo mil vezes, de tanta emoção depois de receber o convite em abril. SRTA. MEREDITH FOX escrito em letras cursivas e prateadas no envelope azul-claro.

— O convite pede para confirmar se vou levar alguém — eu dissera a Ben mais tarde, aninhada no abraço dele enquanto assistíamos à Netflix. — Você vai comigo?

— Ir com você? — perguntara ele, sorrindo. — Claro!

E nos beijamos depois.

Eu não pisquei para conter as lágrimas que caíam. Imagine se a Meredith de meses antes me visse assim — a caminho do casamento de Sarah, não só sem *acompanhante*, como, de forma geral, sem *namorado*. Porque, depois de quatro anos juntos, eu e Ben tínhamos terminado.

Melhor dizendo, *ele* tinha terminado *comigo*. No mês anterior, do nada, no meio da festa de formatura dele. Em um segundo, estávamos dançando ao som da playlist hilária de Woodstock do pai dele, e, no seguinte, ele me afastara da pista de dança e começara a falar:

— Foi bom enquanto durou... mas deve ser melhor manter a amizade... Dizem que namorar a distância é difícil...

— Mas a gente combinou — eu interrompera. — Falamos disso já, lembra?

Eu me agarrara ao braço forte dele, sentindo-me tonta de repente.

— E dissemos que íamos *tentar*.

Ben estava prestes a estudar na Universidade da Carolina do Sul, e eu ficaria na nossa cidade, apenas subindo a colina enorme de Clinton para chegar à Faculdade de Hamilton. Meu pai era treinador de futebol da faculdade, e eu queria ficar perto da família.

— Lembra? — eu insistira.

Ben não tinha dito nada.

Eu o apertara com mais força.

— Ben, não — dissera, sem conseguir conter o tremor na voz. — Por favor, eu preciso de você. Você sabe que preciso. Depois de tudo...

— Eu sei, eu sei.

Ben tinha me puxado para um abraço, de cabeça no peito dele. Normalmente, isso me acalmava, mas, naquele momento, parecera que ele só queria me calar.

— Olha, Mere, eu te amo — sussurrara ele, me deixando desabar junto ao seu peito e chorar.

Os batimentos do peito dele tinham abafado as palavras, me fazendo chorar ainda mais. Somente aquela última parte que me dava força para ficar de pé.

— Ainda posso ir ao casamento — dissera ele. — Se você quiser.

— Como assim? — eu perguntara, recuando e estremeendo no ar fresco da noite. — De acompanhante?

— Isso — dissera, apertando meu ombro. — Isso não muda nada.

Ele então tinha sorrido de leve, e recitado a cantada antiquada que sabia que eu amava:

— Você ainda é minha garota preferida para andar de braços dados.

Eu não lembrava mais como tinha respondido, mas definitivamente a conversa terminara com a minha fuga esbaforida, usando sapatos anabela de salto altíssimo. E, confesso, talvez tenha envolvido ter sido parada por uma blitz na volta para casa. Porque eu tinha passado do limite de

velocidade, ou feito uma curva errada. Como eu mal tinha conseguido falar, de tanto chorar, o sargento Woodley me deixara ir embora só com uma advertência (e me acompanhara até em casa).

Soou um bipe no sistema de comunicação da balsa. *Hora de ir*, pensei, mas senti outra vibração na mão: uma terceira mensagem de Ben.

Mere, eu teria mesmo ido com você.

Antes de me dar conta, senti o rosto arder e disquei o número dele.

Ele atendeu no primeiro toque.

— Oi...

— Eu não *queria* que você viesse — interrompi, prestes a chorar. — Queria que meu namorado, *meu namorado*, viesse, não meu ex escroto!

Silêncio.

Ben suspirou.

— Mere...

Eu desliguei e sequei as lágrimas, precisando urgentemente sair do carro e pegar ar fresco. A buzina da balsa soou e eu peguei a maçaneta do carro, mas a área imensa já estava lotada, com tantos carros aglomerados que era impossível abrir a porta sem acertar o veículo ao lado. *O teto solar*, lembrei. Ainda estava aberto. Tentei não pensar em quantas pessoas tinham me ouvido gritar com Ben. Meu rosto estava vermelho de chorar, então revirei a mochila em busca dos óculos escuros, e cobri a cabeça com um dos bonés do meu pai antes de subir e sair da caminhonete. Sorri um pouco.

*Tranquilo.*

Foi a hora do desastre.

Em vez de pular direto para o chão, me apoiei em um dos suportes de bagagem no topo do carro... mas não conferi a passagem estreita entre veículos para garantir que estava vazia. Simplesmente me balancei e saltei, que nem Tarzan em um cipó, e ondas de choque me percorreram quando meu pé colidiu com alguma coisa.

*Alguma coisa, não, alguém.*

— Ah, eita — disse o cara, pego de surpresa.

Ele encolheu os ombros, e eu o vi massagear a área que eu chutara. O rosto, perto do nariz.

— Ai! — exclamou.

— Foi mal! — deixei escapar. — Mil desculpas. Sério, sério, desculpa!

— Não, hum, tá de boa — respondeu.

Porém, antes de ele conseguir se endireitar e olhar bem para a pessoa que o agredira, eu já tinha ido embora. Corri até a escada e subi, dois degraus por vez, até o convés superior.



Minha mãe me abraçou quando a ilha surgiu no horizonte. Era mesmo um dia lindo, sem uma nuvem no céu. Não havia névoa ao redor do farol de East Chop nem barcos balançando pelo porto de Vineyard Haven.

— Que boas-vindas! — comentou meu pai, e, de repente, fiquei com o olhar marejado, pensando em Claire.

Metade de mim estava muito feliz de voltar, mas a outra metade queria que a balsa desse meia-volta para voltar para casa. Não parecia correto ir a Martha's Vineyard sem minha irmã. Era ela quem mais amava aquele lugar. *Já demoramos muito*, meu pai dissera no almoço, mas não pude deixar de me perguntar: *Será que foi o bastante?*

— Queria que Claire estivesse aqui — sussurrei para minha mãe.

— Ela está — sussurrou ela de volta, apertando meus ombros com carinho, e apontou o céu. — Está fazendo o sol brilhar.

— Para Sarah — falei.

— Não — respondeu ela, balançando a cabeça. — Para todo mundo.

## DOIS

Minha prima ia se casar. Sarah Jane Fox e Michael Phillip Dupré se casariam no sábado, dia dezesseis de julho, às quatro da tarde na igreja St. Andrew, em Edgartown. Em seguida, a comemoração continuaria com música e jantar na fazenda Paqua.

A fazenda Paqua, ou só a fazenda, como chamávamos, pertencia à família Fox desde antes da Primeira Guerra Mundial. Não era mais uma fazenda produtiva, mas uma extensão vasta de 240 hectares entre Edgartown e Tisbury, com quase dois quilômetros de praia particular. Passávamos horas balançando nas ondas do mar e flutuando tranquilamente nos famosos lagos e lagoas do Vineyard. A lagoa Paqua, mais isolada, sempre fora nossa preferida, minha e de Claire.

Abracei bem Loki, que estava se remexendo, enquanto meu pai acelerava pela estrada de chão arenoso de cinco quilômetros de Paqua, soltando poeira.

— Pai, vai mais devagar — pedi do banco de trás, mas ele estava rindo.

O limite não oficial de velocidade da estrada era de quarenta quilômetros por hora, mas todo mundo gostava de não segui-lo.

— Antigamente, a gente apostava corrida — contava meu tio Brad às vezes, dando um tapinha no ombro do meu pai. — Nossa, a gente *voava*.

Antigamente, quebrar as regras era divertido. No momento, no entanto, senti um aperto no estômago e me estiquei para ver o velocímetro: estava quase em oitenta.

— Pai, por favor! — repeti, mais histérica, sentindo o coração disparado.  
— Devagar!

Minha mãe tocou o braço do meu pai.

— Tom — pediu, baixinho.

Só me acalmei quando ele pisou no freio, e a velocidade caiu para trinta. Logo chegamos à bifurcação, onde a placa de madeira alta resistia ano após ano. Finalmente tinha sido pintada de branco de novo — definitivamente por tia Christine —, e indicava a direção de cada casa de veraneio. Eram oito casas espalhadas pela fazenda, todas diferentes entre si. Algumas eram menores, outras maiores, mas todas rústicas, com seus próprios nomes e estilos. A maioria dos convidados do casamento se hospedaria ali, então eu sabia que todas as casas estariam lotadas — até mais do que lotadas, pois o tio Brad dissera ao meu pai que tinha gente armando barracas.

Meu pai virou para a esquerda e, alguns minutos depois, os pneus da caminhonete esmagaram o cascalho da entrada do anexo. Quer dizer, da vaga. As demais casas tinham um acesso à garagem, mas o anexo tinha apenas uma vaga. Era um chalé de um só andar, com revestimento em ripas de cedro e telhado inclinado, e era considerada nossa casa quando estávamos no Vineyard. Normalmente alugávamos o chalé por três semanas, e, durante o restante de verão, outros parentes e amigos ficavam lá. Duas cadeiras de jardim verdes ficavam dispostas no pequeno deque desbotado, diante do campo vasto e verde, salpicado de flores amarelas. A grama alta e os arbustos balançavam à brisa e, ao longe, dava para ouvir o mar batendo na praia.

*Chegamos*, pensei, querendo dançar de repente. *Chegamos, chegamos, chegamos!*

Do outro lado da porta de tela estava a sala, cujo assoalho de carvalho gasto era coberto por um tapete trançado, e um sofazinho listrado em verde e branco diante da televisão pequena, instalada entre duas janelas. Livros e mais livros tinham sido enfiados nas duas estantes, e retratos cobriam as paredes de madeira ripada, inclusive algumas fotos muito antigas, em preto e branco. Décadas e mais décadas dos Fox e amigos.

O corredor estreito se estendia entre a cozinha comprida, de um lado, e o quarto dos meus pais, do outro. Seguindo em frente, se chegava ao quarto que eu dividia com Claire, um quartinho com beliche, que mais parecia uma cabine de navio. Claire já tinha me acordado inúmeras noites

porque rolava na cama e dava um pontapé na parede. *Foi mal, Mere*, dizia, com a voz arrastada de sono.

Mordi o lábio, e empurrei a porta do quarto, vendo que nada tinha saído do lugar, nada tinha mudado. Ali estava a cômoda azul-clara, debaixo do espelho de moldura de vidro marinho e conchinhas, junto ao mapa de Paqua que eu e minha irmã desenhamos quando mais novas. Depois de tantas caças ao tesouro e brincadeiras de pega-pega, nós duas tínhamos conhecido cada centímetro da fazenda.

Uma mesinha de cabeceira de vime branco ficava ao lado da beliche, combinando com o edredom, também branco. Claire tinha medo de altura, então sempre dormia na cama de baixo e eu, na de cima. A escada tinha quebrado fazia anos, e nunca fora trocada, mas eu tinha um talento especial para subir escalando.

Depois de desfazer a mala e pendurar o vestido que usaria no casamento, bem guardado na capa protetora, ouvi a porta do anexo se abrir e se fechar.

— Tem alguém em casa?

Minha mãe e meu pai estavam lá fora, descarregando o carro, mas eu respondi e fui correndo até a sala... onde tropecei no tapete. Meu coração parou ao ver Claire ali parada, sorrindo para mim.

Mas não, não, não era Claire.

Meus olhos começaram a arder quando minha prima disse meu nome. Porque, enquanto eu e Claire éramos muito diferentes, ela e Sarah, de tão idênticas, eram quase gêmeas. O mesmo cabelo castanho-arruivado em cascatas, o mesmo corpo esguio, o mesmo amor por andar descalça, até a mesma inclinação da cabeça ao sorrir. Foi só quando notei o vestido reto em verde e rosa da Lilly Pulitzer e os brincos de pérola que relaxei de verdade. Sarah, era *Sarah*.

— Oi — falei, com a voz um pouco hesitante.

Avancei, e deixei a noiva me abraçar com força. Fazia muito tempo que eu não a via, meses e mais meses. Tio Brad, tia Christine, Sarah e os irmãos eram de Maryland, e passavam todas as férias de verão no Vineyard, na

casa do farol. Se tivesse uma definição de “engomadinho” na enciclopédia, viria acompanhada do cartão de Natal daquela família.

Sarah tinha vinte e seis anos e, depois de se formar na Universidade de Tulane, uns anos antes, fora trabalhar no departamento de preservação histórica de Nova Orleans.

— Como vai? — perguntou ela ao se afastar, me olhando de trás da armação dos óculos de casco de tartaruga.

Assim como Claire, Sarah amava óculos interessantes. Porém, aquele par estava um pouco grande. Ela o ajustou no nariz, e o gesto chamou a atenção para a cicatriz marcante que atravessava a testa, descendo do cabelo até depois da têmpora direita. Era fina e reta, em grande parte, com um zigue-zague mais grosso acima da sobrancelha esquerda. Dos cacos de vidro, daquela noite terrível dois invernos antes.

Pestanejei.

— Como vai você? — insistiu ela.

*Ben.* Eu sabia que ela estava falando de Ben. Porque, sem o colo de Claire para me acolher, eu tinha telefonado para Sarah no dia seguinte à festa de formatura.

— Ele... disse... que... ainda... podia... ir — tinha soluçado no telefone. — Se... eu... quisesse.

— Espera aí, como é que é? — perguntara ela. — *O que* ele disse? Que estava terminando com você, mas ainda queria *vir*?

— Uhum.

— Ai, nossa, Mere — suspirara Sarah. — Sinto muito. Que babaca. Por favor, me diga que você recusou.

— Mas eu disse que ia levar acompanhante — eu chorara. — No convite. Falei que ia com alguém. Preciso de um acompanhante.

— Não precisa, não — respondera Sarah. — Não precisa mesmo. Um filé sobrando, ou seja lá o que ele pediu, não vai falir o casamento.

Agora, sorri um pouco para minha prima.

— Bom, ele me mandou mensagem mais cedo — falei, cruzando os braços. — E eu chamei ele de escroto na hora.

— Não acredito — exclamou Sarah.

Eu abri mais o sorriso.

— Juro.

Eu estava chorando na hora, mas, tecnicamente, era verdade.

— Isso aí! — disse ela, sorrindo. — Arrasou, Mere! Se imponha!

Meu sorriso murchou.

*Se imponha.*

Claire vivia dizendo isso.

— Sei que estou me metendo — lembrei que ela me dissera uma vez —, mas parece que você precisa dar mais limite para Ben.

Ela dera de ombros e acrescentara:

— Se não quiser ir à festa, é só dizer para ele. Se imponha.

A questão era sempre Ben, como eu estava começando a entender. Nosso relacionamento era desequilibrado, e o foco nunca era eu. Tudo girava ao redor dele.

Claire havia notado, mas eu não a ouvira. *Ela não tem namorado; nunca teve namorado*, eu me dizia, vestindo calça jeans e blusinhas bonitas, cacheando o cabelo e passando delineador. *Ela não entende. Ela está enganada.*

— Sarah!

Meus pais chegaram à sala. O espaço aconchegante ficava ainda mais aconchegante com nós quatro ali. O máximo de gente que já tínhamos feito caber naquela sala era dez.

— Achamos mesmo ter ouvido sua voz!

— Tia Liz! — disse Sarah, os abraçando. — Tio Tom! Sejam bem-vindos!

— Você está linda — disse minha mãe, e notei o olhar dela se demorar na cicatriz de Sarah.

Senti o coração afundar. Parte de mim desconfiava que ela não conseguia notar a melhora, e ainda enxergava ali todos os pontos. Limpos e simples, mas também sinistros e violentos. Diferente dos meus pais, eu não as vira pessoalmente, só em foto... Mas eram tantos pontos. Eu temia que minha mãe fosse eternamente assombrada por aquela memória.

— Está radiante, cheia do brilho de noiva! — exclamou minha mãe.

Sarah sorriu.

— Vim só cumprimentar vocês — disse, antes de se virar para meu pai.  
— E avisar que o estoque de papel higiênico da casinha está *caprichado*.  
— Comprou da marca Charmin? — perguntou meu pai.

Sarah assentiu, séria.

— Mas é claro.

Todo mundo riu. Outra das particularidades do anexo era que não tinha banheiro. O chuveiro de todas as casas na fazenda era externo — era uma delícia depois de um dia inteiro na praia —, mas nosso chalé não tinha banheiro *nenhum*. Era preciso avançar por vários metros de trilha de terra batida mata adentro, ao fim da qual aguardava uma estrutura alta de madeira. A tarefa era especialmente difícil de madrugada.

— Que bom! — falei, e bati palmas exageradas, recuando na direção da porta, porque queria ouvir minha mãe rir outra vez. — Falando nisso, licença um momentinho...



Sarah nos disse que tinham marcado um churrasco à noite, para receber todo mundo, mas, assim que ela foi embora, catei uma das bicicletas no armazém do anexo, enchi os pneus, e fui pedalar para dar uma conferida na área. No fim da estrada ficava a choupana, revestida de madeira cor de ferrugem, e na forma de um hotel antigo: em estrutura de T, cada quarto com uma porta que levava ao alpendre. Desacelerei um pouco ao ver os carros estacionados de qualquer jeito na lateral, de malas ainda abertas, e uns caras sentados ao redor da enorme fogueira do quintal. Eram os padrinhos de Michael.

Encontrei o noivo entre eles, com uma lata de cerveja apoiada no colo, enquanto gesticulava e contava uma história para todo mundo. Mesmo de longe, era impossível ignorar como Michael era bonito: o físico de jogador de futebol americano, a pele cor de bronze vívido, o cabelo escuro no qual Sarah vivia fazendo cafuné, e o sotaque sulista charmoso. Ele e minha prima tinham se conhecido em Tulane, mas Michael sempre vivera em

Nova Orleans. A família dele tinha raízes *creole*, de ancestralidade francesa e africana. Fã inveterado de futebol americano, Michael trabalhava no administrativo do escritório do time Saints.

Michael também me notou, e acenou, mas bem naquela hora um cara saiu pela porta da choupana.

— Por que acabou o gelo? — perguntou, e todos se viraram para ele. — A cara dele está piorando... Sério, está um *desastre*. Parece que ele apanhou no ringue...

*Bom, boa sorte*, pensei, sem saber do que se tratava. Eu falaria melhor com Michael no churrasco. Segurei o guidão e voltei a pedalar, acelerando e deslizando até virar na estrada que levava diretamente ao casarão.

O casarão não era a maior casa em Paqua, mas era a mais antiga. Uma casa de chácara à moda vitoriana, com telhas de cedro e persianas verdes desbotadas, era a única casa que não alugavam no verão, já que era a residência permanente de Pestana e Docinho, meus avós.

Eles estavam no alpendre um pouco bambo do casarão, Docinho balançando, serena, na rede, e Pestana recostado em uma das pilastras, me observando pelos binóculos antigos. Ele sempre dizia que era para observar pássaros, mas eu sabia que meu avô gostava era de ficar de olho nas atividades da fazenda. O alpendre do casarão era a base perfeita para espionagem. Como dava a volta na casa inteira, ele conseguia ver *tudo*.

— Tem alguma coisa interessante acontecendo? — perguntei, depois de parar a bicicleta.

— Julia e Rachel acabaram de chegar no acampamento — respondeu Pestana, ainda analisando o horizonte. — Parece que Ethan está dando piti. Hannah deve estar adorando as aulas de balé, porque chegou de tutu cor-de-rosa.

Eu ri. Tia Julia era a irmã mais nova do meu pai. Ela e a esposa, Rachel, tinham dois filhos: Ethan, de seis anos, e Hannah, de quatro. Tia Rachel estava gravidíssima do terceiro filho, um menino. A previsão era que desse à luz dali a um mês.

— Vem sentar aqui comigo, meu bem — disse Docinho, dando um tapinha na rede.

Assim que me instalei, ela me abraçou, me envolvendo no seu cheiro familiar de lavanda. Eu achava minha avó uma das mulheres mais lindas do mundo, com o cabelo branco e comprido, olhos azuis, suas túnicas leves de linho, e os colares grossos que usava para “dar cor”. Ela mesma desenhava e fabricava os colares, que estavam sempre em alta nas lojinhas de bijuteria da ilha.

— Parece que já chegou todo mundo — comentei. — Passei por Michael com os padrinhos na choupana.

Pestana abaixou os binóculos.

— É, ele veio aqui mais cedo e prometeu que não destruiriam tudo.

Docinho riu.

— Adoro esse rapaz.

Eu sorri. A paixão de minha avó por Michael não era segredo.

— Onde a família dele vai ficar?

— Christine colocou eles na casa do brejo — disse Pestana, apontando a colina ao longe. — Está tudo na planilha — falou, e resmungou um pouco. — Honestamente, parece até que é o casamento *dela*.

— Ah, nada disso — falou Docinho, revirando os olhos. — Seja justo, Andrew. Sarah é filha única, e a gente conhece bem Christine.

Fiz que sim com a cabeça, me lembrando do convite do casamento, com um farolzinho carimbado em baixo relevo no envelope. O detalhe era um toque inconfundível da tia Christine.

— Ela pode até ser meio afrescalhada — admitira minha mãe —, mas tem gosto impecável.

— Pelo menos Sarah insistiu para não ser black tie — disse Pestana. — Imagina black tie, ao ar livre, em julho? — perguntou, balançando a cabeça. — Já passei por isso várias vezes, e não é nada bom.

— Mas Michael certamente ficaria lindo de fraque — disse Docinho, sonhadora.

— Então que tal você se casar com ele, Bea? — perguntou Pestana.

Ele me deu uma piscadela, e eu ri. Era por isso que nós, netos, chamávamos meu avô de Pestana.

— Sarah disse que tinha uma surpresa — falei. — Lá no anexo, ela falou que ia anunciar alguma coisa hoje com Michael.

Meus avós se entreolharam.

— Vocês já sabem — adivinhei. — Já sabem o que é.

— Talvez — disse Pestana, sorrindo muito de leve. — Talvez a gente saiba.

— Me contem!

Ele só sorriu ainda mais.

Resmunguei e escondi o rosto no ombro de Docinho e, um segundo depois, senti quando ela beijou minha cabeça.

— Estamos muito felizes de ver você, Meredith — sussurrou. — Muito, muito felizes.



Eu tinha vários primos na fazenda, mas também havia amigos íntimos da família na história. Eli, Jake, Luli e Pravika eram praticamente da família. Eles já estavam na casa do farol quando eu e meus pais chegamos para o churrasco, sentados juntos à mesa de piquenique debaixo do enorme carvalho.

— Aí está a galera — disse minha mãe, me dando um empurrãozinho quando meu coração hesitou.

Dois anos. Fazia quase dois anos que eu não via meus amigos, e seria tudo diferente sem Claire. Ela era a mais velha do grupo e nossa líder implícita.

— Meredith! — chamou Pravika. — Meredith!

*Tá, lá vamos nós*, pensei, vendo os outros virarem o rosto para me olhar. Um tremor de timidez percorreu meu corpo. Eu não tinha conseguido manter contato, e mal procurava eles ou respondia às mensagens, ligações, Snapchats, ou FaceTimes.

Pravika foi a primeira a me abraçar, apertando tanto que eu temi que fosse estourar meus pulmões.

— Sinto muito, muito, muito — sussurrou ela. — Te amo muito, muito, muito.

Meus olhos arderam na mesma hora.

— Também te amo — sussurrei de volta.

— Nossa, Pravika, deixa ela respirar — disse Eli, e, quando eu e Pravika nos soltamos, ele veio me abraçar. — Saudade.

— Eu também — falei. — Adorei o cabelo.

Eli tinha deixado o cabelo cacheado e castanho-claro crescer, descendo até os ombros. No momento, o prendera numa espécie de coque frouxo.

Ele se afastou, sorriu e levou a mão a uma mecha do cabelo.

— Valeu.

— Não, eca — disse Jake, balançando a cabeça. — Cara, você *precisa* cortar.

— É só inveja — disse Luli ao irmão —, porque você está caminhando para um estilo príncipe William.

Todos avaliamos o cabelo claro de Jake. Ainda tinha volume o suficiente para passar a mão, mas estava mesmo mais ralo do que da última vez que eu o vira. Calvície era comum na família dele.

— Tá bom, Jake — falei, para mudar de assunto. — E cadê meu abraço de boas-vindas?

Assim, restou apenas Luli. Enquanto Jake ficava queimado em uma hora de praia (mesmo que passasse muito filtro solar), a irmã dele tinha sido adotada da América Central, e bronzeava como se tivesse nascido para viver na orla. Ela não veio me abraçar. Tudo que disse foi:

— É bom ver você, Meredith.

— É bom ver você também — respondi, engolindo em seco.

As mensagens ignoradas me voltaram à memória. Qual era a probabilidade de ela estar pensando na mesma coisa?

Senti um desconforto no estômago.

*A probabilidade é bem alta*, pensei.

Houve um momento de constrangimento antes de Pravika sugerir que a gente fosse comer. Nem Sarah nem Michael tinham chegado, mas ia se formando uma fila de parentes, madrinhas, padrinhos, e outros convidados,

então seguimos para a casa e entramos no lugar. Mesmo do fim da fila, dava para ver que tio Brad e meu pai estavam fazendo piada na churrasqueira, enquanto minha mãe estava um pouco mais adiante, com tia Julia e tia Rachel.

— Ah, deu pra sentir! — exclamou ela, com a mão na barriga redonda de tia Rachel. — Que chute!

Enquanto esperávamos, olhei para a casa do farol. Era linda, não dava para negar: revestimento de ripas brancas com janelonas salientes e um escritório pequenininho no último andar, que, à noite, aceso, lembrava um farol. A porta lateral não parava de abrir e fechar, porque tia Christine ia e vinha com tigelas cheias de salada de batata, e caixas de suco para as crianças.

— Quer ajuda, Christine? — perguntou Docinho, sentada na cadeira de jardim.

Toda casa tinha cadeiras de jardim iguais, espreguiçadeiras de madeira; as da casa do farol eram amarelas.

— Não, não — disse tia Christine. — Não se preocupe. Está tranquilo — falou, com um suspiro. — Só queria que Sarah e Michael aparecessem logo.

De repente, soaram vivas. Porque, finalmente, ali estavam os noivos, de mãos dadas. Ainda descalça, Sarah pusera um vestido de festa azul, e, apesar de não usar maquiagem, estava corada de sol. Seu cabelo estava molhado e embaraçado, assim como o de Michael. Eles provavelmente tinham perdido a noção do tempo na praia; Sarah nunca fora muito pontual.

— Oi, gente! — gritou ela, sorrindo e acenando, antes que a mãe pudesse vir marchando e dizer que estavam atrasados. — Podemos nos meter na sua festa?



Era muito bom ver meus amigos de novo. De pratos cheios, voltamos à mesa de piquenique, e ficamos sentados ali muito depois de acabar os

hambúrgueres.

— Adivinha — disse Eli, depois de Pravika admitir que trabalhar na loja de doces Murdick's Fudge durante as férias tinha deixado ela viciada em açúcar.

— O quê? — perguntamos.

— Eu vi ele — respondeu Eli, sem conseguir conter a emoção. — Hoje, no centro.

Todo mundo, exceto eu, gemeu de frustração.

— Espera aí, é o quê? — perguntei, me virando para Eli. — Quem é *ele*? Você tem um *ele*?

— Não tem, não — disse Luli, sacudindo a cabeça, antes de Eli abrir a boca. — É só um cara que ele viu umas vezes em Edgartown, e agora acha que é o destino, então tá perseguindo ele.

— Haha — disse Eli, revirando os olhos. — *Não* estou perseguindo ele.

— Então como você sabe que ele dá aula de vela no iate clube?

— Aaah, no iate clube? — perguntei. — Chique!

— Olha — disse Eli —, é que ele estava de jaqueta do clube! Não fiquei na doca assistindo à aula dele nem nada.

— Que engraçado — disse Jake, seco —, porque, se eu me lembro bem, as crianças eram talentosas.

Eli escondeu o rosto nas mãos enquanto a gente ria.

Eu cutuquei ele.

— Tá, e hoje, onde viu ele?

— Entrando na livraria — disse ele, com um suspiro. — O que significa que ele lê, e eu só posso mesmo namorar um leitor.

— Por que você não entrou também?

— Porque... — hesitou, suspirou, e olhou o prato vazio. — Porque você sabe que eu não saberia o que dizer.

— Ah, fala sério — disse Luli, prendendo o cabelo em uma imitação nada sutil do coque de Eli. — Oi, prazer, meu nome é Eli. Eu vi você no iate clube outro dia, e achei você bem gostoso, então tenho andado atrás de você...

— Tá, tá bom — disse Eli, tão vermelho que jurei ter visto labaredas. — Parou.

Luli apertou o braço dele com carinho, antes de se virar para mim.

— E você, Meredith? — perguntou.

— O que tem eu? — retruquei, sentindo a tensão entre nós.

— Soubemos que você levou um pé na bunda do Ben — disse ela, bem assim, tão direta que meu rosto começou a arder que nem o de Eli. — Por isso veio sozinha — acrescentou, inclinando a cabeça. — Vai encontrar alguém para perseguir?

— Eu *não* estou perseguindo ele! — gritou Eli.

A mesa toda riu enquanto eu tentava controlar minha voz.

— Não — falei. — Acho que não.

— Por que não? — perguntou Pravika. — Todo mundo aproveita casamento para pegação. — Ela apontou o quintal, onde uns caras tinham começado a jogar boca de palhaço. — Esses aí são perfeitos para um casinho.

— Talvez, mas não estou interessada em um peguete — respondi, dando de ombros para afastar meus pensamentos de Ben. — Quero só comemorar Sarah e Michael, e passar um tempo com minha família.

Abaixei a voz, desejando, pela milésima vez, que Claire estivesse comigo, e acrescentei:

— E com vocês. Quero passar um tempo com vocês, com meus amigos e minha família. — Abanei os dedos que nem tia Christine, para fazer graça. — Deixe os casinhos para lá!



Mesmo depois de muitas piadas e gargalhadas, eu sentia a frieza entre mim e Luli quando o grupo se separou. Eli e Jake foram entrar no jogo de boca de palhaço, e Pravika queria ver o anel de noivado de Sarah de perto, enquanto Luli saía para papear com uma amiga e o namorado, o casal de braços dados. *Seríamos eu e Ben*, pensei, antes de me dar uma bronca e parar de drama. Era o casamento de Sarah, e eu estava lá para me divertir!

Primeiro, porém, eu sentia que deveria me desculpar com Luli. O nome dela era o que mais tinha aparecido no meu celular nos dezoito meses anteriores e eu a ignorara todas as vezes. Por quê? Porque, quando eu não estava trabalhando na loja de bagel de Clinton, passava o tempo todo com Ben, e, depois do acidente, me agarrara a ele ainda mais, e só vez ou outra almoçava com os amigos do colégio. Eu tinha começado a recusar convites para me arrumar com minhas amigas, e ir às prés das festas.

— Nossa, Meredith — uma amiga me dissera certa vez em uma festa, enquanto eu segurava o cabelo dela, que estava bêbada e curvada em cima do vaso, e caíra na gargalhada. — Isso aqui é, tipo, o máximo de tempo que a gente passa junta há *séculos*.

*Amanhã*, pensei, vendo Luli sorrir e se apresentar ao namorado da amiga. *Amanhã, você vai se desculpar — por afastá-la, por sumir.*

Minha barriga roncou, então me levantei e fui até o bufê, decidida a comer sobremesa. A missão não foi fácil — tinha gente *à beça*. Sarah e Michael queriam fazer um casamento pequeno, mas parecia que já tinha uns cem convidados ali.

— Meredith!

Tia Julia me puxou para um abraço, e em seguida fui apresentada à mãe de Michael, e também à irmã mais velha, cujo bebê tinha as bochechas redondas mais fofinhas. Depois Ethan, Hannah, e mais umas crianças me derrubaram no chão. Brinquei com elas por um minuto, sem me importar por ficar suja de grama e bagunçar o cabelo.

— Crianças! — gritou tia Rachel do deque. — Já deu!

Depois de me limpar um pouco, tentei dar a volta em uma roda de madrinhas, mas fui interrompida por um toque no braço.

— Espera aí, você é a Meredith? — perguntou uma menina negra com um sorriso brilhante. Danielle, madrinha de Sarah. Eu a reconhecia do Instagram da minha prima. — Irmã da Claire?

*Irmã da Claire.*

— Isso — falei. — Sou eu.

Sorri. Era bom ser chamada de “irmã da Claire”. Apesar de eu ser um ano mais nova, Claire era sempre “irmã da Meredith” na nossa escola em

Clinton. Ela era quieta e tímida, e se escondia atrás do dever de casa, enquanto eu ia aos jogos e às festas, e conhecia todo mundo.

— Você devia concorrer a presidente do grêmio — Claire me encorajara.

Quando a hora chegara, eu não tinha concorrido. A possibilidade de ganhar me assombrava, pois sabia que não poderia ligar para ela depois.

Danielle apertou meu braço.

— A Claire era o máximo — disse ela, gentilmente. — A gente se conheceu quando ela foi visitar Nova Orleans — falou, e balançou a cabeça. — Como era vibrante.

— Pois é — concordei, sorrindo ainda mais, mas ficando de olhos marejados. — Era mesmo.

Pisquei para conter as lágrimas, porque Claire, na verdade, era assim: vibrante, cheia de vida... Especialmente no Vineyard. Ela dizia que era seu lugar preferido, e três semanas de férias nunca bastavam.

— Vou morar aqui — lembrava de Claire dizer. — Depois do primeiro ano de faculdade, vou arranjar um emprego e passar o verão inteiro aqui.

Eu gostava de pensar que ela trabalharia em uma livraria, na Edgartown ou na Bunch of Grapes em Vineyard Haven. Claire nunca saía sem um livro, e me ensinara a fazer o mesmo.

Alguém atrás de nós chamou o nome de Danielle, e eu aproveitei a oportunidade para escapulir, porque minha barriga estava precisando *muito* de sobremesa.

Os famosos sanduíches de sorvete da tia Christine estavam aguardando em um dos coolers enormes ao lado do bufê. Suspirei só de ver: biscoitos com pedacinhos de chocolate, do tamanho da mão, recheados com uma bola imensa de sorvete. Tinha de chocolate, de baunilha, de chocomenta, de banana com creme... tudo quanto era sabor. Estavam todos organizados em caixinhas forradas de papel-manteiga, rotuladas na letra linda da tia Christine.

Peguei um de chocomenta, um de caramelo salgado, e um de lavanda com mel antes de encontrar meus avós, que ainda estavam fazendo sala perto das cadeiras. Pestana estava tranquilamente abraçado em Docinho e,

depois de uma mordida de sorvete que me congelou inteira, abri caminho até eles para ver se me revelariam o anúncio secreto de Sarah.

Quando cheguei lá, tinham puxado assunto com um homem misterioso, de costas para mim.

— Pode me chamar de Pestana — disse meu avô. — E essa é minha noiva, Docinho.

Sorri e mordi mais um pedaço de sanduíche de sorvete. Pestana e Docinho eram casados fazia mais de meio século, mas ele sempre a apresentava assim.

— E é assim que vou chamar *ele* um dia — lembrei de repente que contara a Claire, anos e anos antes, quando estávamos espremidas em uma das cadeiras de jardim da fazenda. — Vou dizer “Esse é meu noivo” sempre, em vez de “Esse é meu marido”.

Minha irmã tinha rido.

— E qual é o nome dele? Desse seu *noivo*?

— E como posso saber? — eu perguntara. — Ainda não conheço ele.

— Stephen! — rira Claire. — Vai ser Stephen!

— Stephen?

— Stephen.

Eu tinha fingido considerar, antes de começar um ataque de cócegas.

Sarah tinha nos apresentado aos álbuns mais antigos da Taylor Swift naquelas férias, e tinha uma música específica que eu ouvia o dia inteiro, e até cantava no chuveiro. Nunca cansava. Baixinho, murmurei a melodia, como se ainda a escutasse todo dia.

O rosto de Docinho se iluminou quando me notou. Ela me chamou, mesmo com meus sorvetes derretendo.

— Querida!

— Oi! — respondi.

Quando o homem misterioso se virou, precisei de todas as forças para me obrigar a avançar e abrir um sorriso agradável, em vez de dar meia-volta e fugir como eu tinha feito na balsa. Meu estômago se revirou quando vi o hematoma roxo que surgira no rosto dele, se espalhando por baixo do olho e pelo nariz.

— Ah, eita — dissera ele, depois do chute. — Ai!  
*É, eita, pensei. Ai.*

# TRÊS

Eu me convenci que ele não me reconheceria, que não era *possível* me reconhecer. Era impossível — eu estivera disfarçada, de boné e óculos escuros.

— Este é Wit — disse Docinho. — É um dos padrinhos e irmão de Michael.

*Irmão?*, pensei, porque ele não se parecia em nada com Michael. Wit era esguio, não chegava a um metro e oitenta, e tinha cabelo loiro-areia desgrenhado, que precisava ser arrumado.

— Irmão postiço, na verdade — disse Wit, sem o menor sotaque sulista. — Somos irmãos postiços.

— Ah — falei. — Saquei.

— A mãe dele e meu pai se casaram quando eu tinha dezesseis anos — explicou. — Sou de Vermont.

— Deve ser congelante — comentei.

De repente, notei que estava segurando sorvete nas duas mãos, que nem uma criancinha. Que vergonha. Escondi as mãos atrás das costas para soltar os doces, na esperança de ser sutil.

— Congelante? — perguntou Wit, inclinando a cabeça. — E não faz frio no norte de Nova York?

Eu me empertiguei.

— Como você sabe que sou de lá?

Ele apontou meus avós, que tinham ido embora silenciosamente, seguindo na direção do deque, onde Sarah e Michael cochichavam. *O anúncio*, pensei. *Quando vai ser?*

— O que mais eles disseram? — perguntei, com um tom de voz bem mais agressivo do que pretendia.

Parecia que ele tinha recebido um resumo oficial, e, por mais que eu amasse Docinho, seria a cara dela contar toda a história sobre Ben.

— Relaxa, comandante — disse ele, com as mãos ao alto. — Nada de mais. Você se chama Meredith Fox, tem dezoito anos, vai começar a Faculdade de Hamilton esse ano. Só o básico. — Ele sorriu. — Tudo certo?

Eu não respondi, e me virei um pouco, para não ficar inteiramente de frente para ele. Senti um frio na barriga, uma sensação estranha e incômoda. Porque o sorriso de Wit era torto e imperfeito, daquele jeito que dava vontade de sorrir de volta, e os olhos... ignorando o hematoma, pareciam saídos de um dos livros de fantasia que eu e Claire sempre amamos. Olhos da cor de um homem desconhecido e atraente que a protagonista não sabe se pode confiar, mas é obrigada a dividir sua cama, por algum motivo na missão, e acabam se apaixonando tão profundamente que morreriam. Basicamente, olhos de uma cor que não deveria existir de verdade: turquesa escuro, com anéis dourados.

*Estou falando sério, Claire, pensei. Turquesa!*

— E quantos anos você tem? — perguntei, cruzando os braços.

— Dezenove — respondeu Wit, e também cruzou os dele.

Parecia que estávamos preparados para um duelo.

Será que ele estava me imitando?

— Então está na faculdade?

Ele concordou com a cabeça.

— Acabei o primeiro ano em Tulane agora.

— Nossa, qual é a dessa faculdade? — murmurei baixinho.

Sarah, Michael, Wit, e, se nada tivesse acontecido, minha irmã.

— O que foi? — disse Wit.

— Hum, nada, não — falei, sentindo um formigamento na nuca. — Parece que todo mundo ama essa faculdade.

Wit ficou em silêncio por um instante.

— A maioria das pessoas acha ótimo — disse, passando a mão no cabelo. — Mas depende...

— Oi, gente! — interrompeu Sarah, com a voz leve e animada. Quando nos viramos, ela estava em cima de um dos bancos de madeira do deque, ao lado de Michael. — Por favor, aproximem-se...

A festa toda migrou para lá, e cercou Sarah e o noivo, como se estivessem em um palco. Não tentei ir atrás de Wit, nem ele de mim, então me enfiei entre Eli e Pravika. Luli e Jake também estavam por perto.

— Quem é o cara com quem você estava falando? — perguntou Pravika.

— Ninguém — respondi. — Um padrinho.

— Irmão postiço do Michael — respondeu Eli ao mesmo tempo, porque, claro, sabia de tudo. — Ele praticamente apanhou na balsa — riu. — Viu o hematoma, né? Ele tá com a cara toda roxa! — falou, e me deu uma cotovelada. — Ele contou quem bateu nele?

— Ele não sabe — falei, rápido, torcendo para ser verdade, e senti o pescoço arder. — Parece que a pessoa estava de óculos escuros.

Os dois concordaram com a cabeça, e voltamos a nos concentrar em Sarah.

— Michael e eu estamos muito felizes por vocês estarem conosco nesta semana — dizia — para celebrar a família, as amizades e nosso casamento.

Ela riu quando todos bateram palmas, mas então sua expressão murchou um pouco.

— No entanto, uma pessoa muito especial não pode estar aqui. Minha prima, Claire.

A voz dela falhou um pouco, e Michael pegou sua mão.

Alguém também pegou a minha.

— Tudo bem — sussurrou Eli. — Está tudo bem.

Assenti e apertei a mão dele com toda a força.

— Esta semana não é apenas para nós. Também é uma homenagem à memória de Claire — disse Sarah, sorrindo, ou, ao menos, tentando sorrir. — E acho que estou falando por toda a família Fox ao dizer que há apenas um jeito de homenageá-la direito.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma tempestade de verão" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).